



ATIVISMO DIGITAL NA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL

DIGITAL ACTIVISM IN THE COVID-19 PANDEMIC IN BRAZIL

Alessandra Staggemeier Londero¹Martina Bravo Leite²Prof. Dra. Isabel Chirstine Silva De Gregori³

RESUMO

A Pandemia de Covid-19 no Brasil, trouxe uma série de restrições a atividades, que precisaram se adaptar ou se reinventar. Dentre elas, pode-se citar a participação política e o ativismo, que, em virtude do isolamento social, passou a se desenvolver de forma mais ativa no meio digital, com a utilização das redes sociais. Contudo, o cenário atual, marcado por forte polarização política, influência dos algoritmos e filtros “bolha” presentes nas redes sociais e a grande disseminação de notícias falsas, podem ser desafios ao exercício do ativismo digital. A pesquisa possui objetivo de compreender como o ativismo digital se estruturou na pandemia de Covid-19, e responder ao seguinte problema: quais os impactos da Pandemia de Covid-19 para o exercício e aplicação do ativismo digital no Brasil? Na metodologia utilizou-se o método de abordagem dedutivo, para, partindo de análises gerais sobre a construção teórica do ativismo digital, chegar a uma compreensão particular, sobre como se desenvolveram estas práticas durante o período pandêmico. Nos procedimentos, foi utilizado o método histórico com vistas a investigar o contexto histórico de desenvolvimento do ativismo digital, de modo a verificar a sua influência na sociedade atual, marcada pela Covid-19. A técnica de pesquisa utilizada foi a pesquisa bibliográfica. As principais conclusões obtidas mostram que apesar do Brasil ser um país do Sul Global e ter muita desigualdade digital, durante o lockdown as pessoas encontraram na internet muito mais que um canal de informação, conseguiram manter o direito de manifestar seus anseios, inclusive sobre a própria pandemia.

Palavras-Chave: Ativismo digital; pandemia de Covid-19; participação política.

ABSTRACT

The Covid-19 Pandemic in Brazil brought a series of restrictions to activities, which had to adapt or reinvent themselves. Among them, political participation and activism can be mentioned, which, due to social isolation, began to develop more actively in the digital environment, with the use of social networks. However, the current scenario, marked by strong political polarization, the influence of algorithms and “bubble” filters present on social networks and the wide spread of fake news, can be challenges to the exercise of digital activism. The research aims to understand how digital activism was structured in the Covid-19 pandemic, and to answer the following problem: what are the impacts of the Covid-19 Pandemic for the exercise and application of digital activism

¹ Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: alessandraslondero@gmail.com.

² Mestranda em Direito pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: martinabravoleite@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Direito. E-mail: isabelcsdg@gmail.com



in Brazil? In the methodology, the deductive method of approach was used, in order, starting from general analyzes on the theoretical construction of digital activism, to reach a particular understanding of how these practices developed during the pandemic period. In the procedures, the historical method was used in order to investigate the historical context of the development of digital activism, in order to verify its influence in the current society, marked by Covid-19. The research technique used was bibliographic research. The main conclusions obtained show that despite Brazil being a country in the Global South and having a lot of digital inequality, during the lockdown people found on the internet much more than an information channel, they managed to maintain the right to express their anxieties, including about their own pandemic.

Keywords: Digital activism; Covid-19 pandemic; political participation.

INTRODUÇÃO

A Covid-19, doença causada pelo vírus Sars-Cov-2, foi identificada na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China, em dezembro de 2019 e, em poucos meses, já havia se alastrado para outros continentes ao redor do mundo. Trata-se de uma grave e aguda doença, que afeta principalmente o trato respiratório, podendo causar síndrome respiratória grave, e possui rápida transmissão, reconhecida como pandemia mundial pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020, e que, a princípio, não existiam tratamentos ou vacinas conhecidos e comprovadamente eficazes para sua contenção.

Em virtude desse cenário, foram adotadas, pelos entes federados do Brasil, uma série de medidas de contenção e restrição que buscavam diminuir a curva de contágio, a exemplo do uso obrigatório de máscaras, uso de álcool em gel 70%, fechamento ou restrições de capacidade em estabelecimentos comerciais, quarentena e distanciamento social, proibição de reuniões, manifestações, torcida nos estádios, shows, eventos culturais, fechamento das fronteiras nacionais e, em casos mais severos, o lockdown. Tais restrições possuíam o objetivo de diminuir a curva de contágio e, dessa forma, conter a disseminação do vírus e, com isso, evitar o agravamento da pandemia no país e também evitar o colapso do sistema de saúde.

Em razão disso, houve grande aumento do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação por parte das pessoas. Dados da pesquisa TIC Domicílios - Edição Covid-19, referente ao ano de 2020, e lançada na data de 18 de agosto de 2021, promovida pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br) e lançada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), identificam que no Brasil, 83% dos domicílios possuem acesso à internet, e, com relação à população, o país possui



152 milhões de usuários da rede mundial de computadores, o que corresponde a 81% da população com 10 anos ou mais.⁴

Dentre as atividades que enfrentaram dificuldades na pandemia, encontram-se a organização e participação política e os ativismos, que precisaram se reinventar e diversificar suas estratégias, por certo período, durante o tempo pandêmico, tendo se desenvolvido, também em formas de ativismo digital. Dessa forma, o presente artigo tem como principal objetivo compreender como o ativismo digital se estruturou na pandemia de Covid-19, e responder ao seguinte problema de pesquisa: quais os impactos da Pandemia de Covid-19 para o exercício e aplicação do ativismo digital no Brasil?

Para isso, na metodologia, foi utilizado o método de abordagem dedutivo, para, partindo de análises gerais sobre a construção teórica do ativismo digital, chegar a uma compreensão particular, sobre como se desenvolveram estas práticas durante o período pandêmico. Como método de procedimento, foi utilizado o método histórico com vistas a investigar o contexto histórico de desenvolvimento do ativismo digital no Brasil e no mundo, de modo a verificar a sua influência na sociedade atual, marcada pela Pandemia de Covid-19. Para realização do presente artigo, foi utilizada como técnica de pesquisa, a documentação indireta, como levantamento de dados por pesquisa bibliográfica, de artigos, livros e demais publicações científicas relacionadas ao tema em discussão.

O artigo estrutura-se em dois capítulos. No primeiro, será feita uma análise teórica que buscará explicitar o conceito e contexto histórico de desenvolvimento do ativismo digital, no Brasil e no mundo. E no segundo capítulo, será realizada uma análise das formas de exercício desta atividade, no período de pandemia da Covid-19, de modo a compreender seus impactos e aplicação no Brasil, além de uma análise de aplicabilidade prática, a título exemplificativo, do uso da internet para manter o contato entre apoiadores de organizações que defendem causas preocupadas com os índios.

As principais conclusões obtidas foram que o ativismo digital foi fortalecido durante a pandemia, pois na obrigatoriedade do isolamento, a internet foi a alternativa para se conectar pessoas e ideias. O desequilíbrio digital é realidade no Brasil, mas mesmo com

⁴ CRESCE o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br. Cetic.br. 18 de ago. 2021. Disponível em: [Anais do 6º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede \(2022\) <https://www.ufsm.br/cursos/pos-graduacao/santa-maria/ppgd/congresso-direito-anais/>](https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/#:~:text=do%20Cetic.br-,Cresce%20o%20uso%20de%20Internet%20durante%20a%20pandemia%20e%20n%C3%BAmero,aponta%20pesquisa%20do%20Cetic.br&text=O%20Brasil%20tem%20152%20mil%C3%B5es,com%2010%20anos%20ou%20mais. Acesso em: 14 mar. 2022;</p>
</div>
<div data-bbox=)



muita dificuldade de acesso as pessoas conseguem transmitir seus pensamentos e defender suas causas, seja através de redes sociais, seja em reuniões online ou em fóruns de organizações. O fato é que o direito de protesto é uma realidade garantida pelo ativismo digital em tempos pandêmicos.

1 ANÁLISE TEÓRICA SOBRE O ATIVISMO DIGITAL: CONCEITUAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

A crescente utilização das novas tecnologias, bem como com o avanço e modernidade dos meios de comunicação, que estão cada vez mais presentes no dia-a-dia das pessoas, favorecem a criação da chamada “sociedade da informação”⁵. Desse modo, muitas atividades também têm encontrado formas de se desenvolver no ambiente virtual.

É o caso do ativismo, que, cada vez mais, vêm ocupando também o espaço público virtual e das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC’s) para o exercício de sua organização e participação política. Se, anteriormente, a comunicação dependia dos meios de comunicação e mídia de massa, após a popularização da internet, a comunicação pode ser feita a partir de qualquer dispositivo conectado à rede mundial de computadores.

No livro “A mão emergente”, o autor Oscar Howell-Fernández (2017), apresenta o ativismo digital como uma atividade cotidiana da internet, em que é possível mobilizar grandes manifestações públicas ou também, se limitar ao linchamento público de uma empresa ou pessoas cuja atitude não agradou determinado público. Para o autor, “quando as multidões se organizam no ciberespaço e começam a exercer influência sobre organizações, governos e empresas globais, estamos diante de uma Mão Emergente, poder que hoje nos move em novas direções”.⁶

Conhecido como uso da internet por movimentos politicamente motivados, o ativismo digital também se caracteriza por práticas de conscientização e apoio,

⁵ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. Volume I. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 1999, 177 pgs. Disponível em: https://perguntasaopo.files.wordpress.com/2011/02/castells_1999_parte1_cap1.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022;

⁶ HOWELL-FERNÁNDEZ, Oscar. *A mão emergente*. 2017 *apud* PASCUAL, Manuel G. A silenciosa tomada de poder do ativismo digital. *Caderno de Tecnologia do Jornal El País*. Madri, Espanha, 08 de dez. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/08/tecnologia/1512753235_185478.html. Acesso em: 14 mar. 2022;



organização e mobilização, com utilização da internet e das mídias sociais como ferramentas para o engajamento cívico e político por meio de apoio a capacidades dos ativistas democráticos, além de fornecer espaço virtual para a concepção e ações de planejamento e execução de protestos⁷.

Dessa forma, verifica-se que o ativismo digital é a forma de ativismo que se utiliza das novas tecnologias, em especial da internet e das redes sociais, para promover debates públicos e mobilizações sociais e políticas em prol de uma causa ou de um determinado grupo e/ou atividade. A título exemplificativo, pode-se citar a organização de grandes manifestações públicas, que produziram efeitos políticos, como a Primavera Árabe, que foi uma onda de manifestações que ocorreram no Oriente Médio, a partir do ano 2010, as Manifestações de Junho de 2013, no Brasil e o movimento Black Lives Matter, iniciado no ano 2013 nos Estados Unidos, que levanta uma campanha contra a violência direcionada à população negra.

Outros exemplos são o levantamento de *hashtags*, assinatura de petições online, utilizar as redes sociais para dar visibilidade a pautas políticas ou sociais, apresentar demandas ou cobrar políticos sobre problemas enfrentados pela sociedade, dentre vários outros exemplos. Feito este esforço conceitual com vistas a possibilitar a compreensão do fenômeno do ativismo digital, resta agora a necessidade de se compreender o seu surgimento e sua evolução, no Brasil e no mundo.

De início, apresenta-se e cumpre compreender que há três grandes ondas na formação da sociedade civil, que se complementam e se influenciam mutuamente, conforme será apresentado abaixo:

A primeira onda foi formada por organizações que representavam amplos setores sociais, geralmente agrupados em torno de interesses socioeconômicos ou profissionais, e cujos líderes, em regimes democráticos, eram escolhidos por seus membros. A segunda onda, cujo formato típico é o das ONG, é formada por uma miríade de organizações, em geral pequenas, cuja legitimidade se sustenta no valor moral da causa defendida (como direitos humanos, identidades de gênero, raça, orientação sexual, meio ambiente etc.) e não em um mandato concedido por um público determinado. Por fim, a terceira onda constitui-se dentro

⁷ VASCONCELOS FILHO, José M. COUTINHO, Sérgio. **O ativismo digital brasileiro**. Coleção O que Saber? Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/10/Ativismo-digital-WEB-1.pdf>. Acesso em: 14 e 15 mar. 2022;



do mundo virtual, formada por cidadãos que emitem opiniões, geralmente pessoais, nas redes sociais.⁸

Assim, inserido na terceira onda da sociedade civil, o ativismo digital surgiu, inicialmente entre grupos de hackers que realizavam piadas e boicotes virtuais às páginas de corporações, com auxílio do anonimato, que acabavam por mobilizar muitos usuários da internet, e aos poucos foram sendo utilizados para ações políticas, defesa da liberdade de expressão e com liderança mundial pelo coletivo Anonymous, passando a mobilizar pessoas às ruas, em eventos ocorridos em diversos países, como a Tunísia, Islândia, Irã, Egito, Rússia, Índia, dentre outros.⁹

As primeiras experiências ocorreram na Tunísia e na Islândia e se espalharam pelo mundo, buscando não apenas protestar contra a pobreza, fome ou falta de democracia, mas também demonstrar indignação contra os ocupantes dos poderes políticos e financeiros.

Na Tunísia, local em que houve a primeira revolta, conhecida como Revolução Jasmim, a população foi às ruas exigir a queda do presidente Zine el Abidine Ben Ali, que estava no poder há 23 anos, após o protesto de Mohamed Bouazizi, vendedor de verduras que cometeu suicídio depois de se revoltar com o tratamento do governo à população tunisiana. A população utilizou-se das redes sociais Facebook e Twitter para organizar suas manifestações e tornar os acontecimentos, a exemplo da repressão policial, públicos para a população do país e do exterior¹⁰.

Importante ressaltar também a Revolução Egípcia, ocorrida entre 25 de janeiro a 11 de fevereiro de 2011, motivadas pela falta de condições mínimas de vida, baixos salários, desemprego, violência e repressão policial corrupção do governo, falta de liberdade de expressão, e a derrubada do regime ditatorial de Hosni Mubarak, que estava no poder desde 1981, e deixou o cargo em 11 de fevereiro de 2011, tendo sido condenado, em maio do mesmo ano pelo crime de assassinato de manifestantes.

⁸ SORJ, Bernardo; FAUSTO Sergio. **Ativismo político em tempos de internet**. São Paulo: Plataforma Democrática, 2016. Disponível em: http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Ativismo_pol%C3%ADtico_em_tempos_de_internet.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022;

⁹ VASCONCELOS FILHO, José M. COUTINHO, Sérgio. *Op. Cit.* p.14-15.

¹⁰ LEÃO, Débora. A Revolução de Jasmim e a criação de uma cultura digital na Tunísia. **Blog Relações Internacionais e Cultura Digital USP**. São Paulo, 26 de jun. 2013. Disponível em: <http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?p=116>. Acesso em: 14 mar. 2022;



As revoltas se espalharam por outros países do Oriente Médio, como a Líbia, Síria, Jordânia, Iêmen e Barein, motivados pela repressão das ditaduras, crise econômica, desemprego, falta de serviços públicos, na revolução que ficou conhecida como Primavera Árabe, marcada pela organização das mobilizações baseadas no uso das redes sociais, tornando as manifestações visíveis ao mundo todo¹¹.

Outras manifestações que denotam a importância do exercício do ativismo digital ao redor do mundo são as manifestações dos indignados da Espanha, chamada de 15-M e o “Occupy Wall Street” em Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Tais movimentos elucidam a importância do uso da internet e das redes sociais em atividades de ativismo ocorridas ao redor do mundo. Para Vasconcelos Filho e Coutinho, a nova geração de militantes sofre impacto direto da internet, como apontam os autores:

O fenômeno da militância on-line é, portanto, diretamente relacionado a web 2.0. Assim se chama a transição da internet que se assemelhava aos meios de comunicação tradicional para uma interatividade impensável na TV, no rádio, nos jornais impressos. [...] Mesmo os blogs com grande papel para concentrar iniciativas políticas até nossos dias, toda a ação política virtual é hoje necessariamente coletiva, com todos os espaços de interação sendo coletivos e alimentados por qualquer pessoa. Youtube, Facebook, Instagram, 4Chan, entre tantos outros são usados continuamente para a articulação dessa nova geração de militantes em que qualquer um pode ser um ativista, mesmo por uma ação apenas, sem dedicar todo seu tempo.¹²

Na América Latina, são vários os casos de ciberativismo. Sorj e Fausto analisaram algumas mobilizações políticas em seis países do continente: Argentina (Ni una menos, Partido de la Red e Change.org), Brasil (Marco Civil da Internet, Avaaz, Manifestações de junho 2013 e Mídia Ninja), Chile (Movimento estudantil, Nueva Constitución e Alto Maipo), Colômbia (Marcha das Putas, Marcha camponesa e Marcha pela vida), Equador (YASunidos, Quito, YO me Apunto e 30-S) e Venezuela (Protestos de 2014, Efecto Cocuyo e Crónica Uno).¹³

¹¹ VIEIRA, Vivian P. P. O papel da comunicação digital na Primavera Árabe: Apropriação e Mobilização Social. **Anais do V Congresso de Compolítica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**. Curitiba, PR, p. 06. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2013_GT05-VivianPatriciaPeronVieira.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022;

¹² VASCONCELOS FILHO, José M. COUTINHO, Sérgio. *Op. Cit.* p.18-19.

¹³ SORJ, Bernardo; FAUSTO Sergio. *Op. Cit.*



A influência das redes sociais na política é também visualizada de diversas formas em países com governos democráticos, como apontam Cavalcanti e Jardelino:

Mas não é apenas em regimes autoritários que o Estado atua no mundo virtual. Governos democráticos também tentam fazer seu próprio caminho dentro do ciberativismo, financiando meios tracionais como jornais, blogueiros “amigos” e influenciadores digitais. Isso para desacreditar articulações virtuais ou até para vender com maior facilidade uma ação impopular do governo. Outro meio de interferência é o uso de robôs (bots) para aumentar a quantidade de seguidores no Twitter e em fanpages no Facebook, dando assim mais credibilidade a essas páginas. Em outras palavras, criando perfis “chapa-branca”, relevantes do ponto de vista comunicativo por causa do alto número de seguidores ou curtidas.¹⁴

No Brasil, as atividades de ativismo giram em torno de ações de movimentos sociais, manifestações de ruas, marchas, manifestações de indignados e ações manifestos socioculturais¹⁵. No ano de 2021, as atividades de ativismo digital ganharam 5 milhões de novos participantes, segundo dados da plataforma Change.org, contando com 39 milhões de participantes no total.¹⁶ Dentre as atividades de ativismo digital, é imprescindível mencionar as Manifestações de Junho de 2013, como o maior exemplo de exercício de ativismo digital no Brasil.

No livro *Manifestações de Junho de 2013 e as praças dos indignados no mundo*, a autora Maria da Glória Gohn inicia seu relato abordando as principais causas e características das referidas manifestações, que ocorreram em 2013, em várias localidades do Brasil. Elas iniciaram motivadas pelo aumento do valor da passagem de ônibus da cidade de São Paulo, de R\$ 3,00 para R\$ 3,20, e foram convocadas pelo Movimento Passe Livre (MPL).

Contudo, tais manifestações logo se expandiram para outras cidades e se multiplicaram as suas motivações, que passaram a retratar um cenário de insatisfação da população brasileira com a classe política, com a corrupção, com a qualidade de serviços

¹⁴ CAVALCANTI, Davi B. JARDELINO, Fábio. Ativismo digital no Brasil contemporâneo. *Brazilian Journal of Development*. Curitiba, PR, v. 6, n. 7, p. 42560, jul. 2020. ISSN 2525 - 8761. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/12520/10501>. Acesso em: 15 mar. 2022;

¹⁵ SCHERER-WARREN, Ilse. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. *Política & Sociedade*, Vol. 13, n. 28 - set/dez 2014, p.13-16. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2014v13n28p13>. Acesso em: 15 mar. 2022;

¹⁶ ATIVISMO digital cresce no Brasil e terá papel neste ano de eleições. *Carta Capital*. 17 de jan. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/change-org/ativismo-digital-cresce-no-brasil-e-tera-papel-neste-ano-de-eleicoes/>. Acesso em: 16 mar. 2022;



públicos, em especial na saúde e na educação¹⁷. Destas manifestações ressalta-se a atuação das redes sociais que desempenharam um papel de destaque na organização, divulgação e na articulação das manifestações, que se utilizaram, em especial de redes como o *Facebook* e *Twitter* para divulgarem seus atos.

No livro, a autora refere que, na época de sua escrita, ainda não era possível vislumbrar os efeitos decorrentes das Manifestações. Contudo, atualmente, verifica-se que após a sua realização, surgiram também outros movimentos, como o Movimento Brasil Livre e o Vem para Rua, que desempenharam papel nas manifestações que ocorreram após a realização das eleições de 2014, em busca do impeachment da Presidenta, ocorrido no ano de 2016.

Dessa forma, com base nesses breves apontamentos sobre a evolução histórica do instituto, verifica-se que o ativismo digital possui grande importância no debate político no Brasil e no mundo. A seguir, será apresentado como se estruturou este tipo de ativismo no período de pandemia da Covid-19, bem como serão analisados seus principais impactos e como se deu a sua aplicação real através de exemplo.

2 O ATIVISMO DIGITAL NA PANDEMIA: SEUS IMPACTOS E APLICAÇÃO NO BRASIL

2.1 Os impactos da pandemia de Covid-19 no Brasil

Já no primeiro impacto a pandemia do Coronavírus diminuiu consideravelmente as mobilizações e protestos nas ruas, porém à medida em que as medidas preventivas foram ficando mais restritas quanto às aglomerações o uso da internet foi fator determinante para um novo tipo de manifestação. A sociedade se viu obrigada a utilizar dos meios possíveis para conseguir exteriorizar seus anseios perante o mundo, e agora influenciados também pela inevitabilidade dos impactos sofridos a vida e a saúde pública mundial¹⁸.

¹⁷ GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PLZn8YR66m_EJ210wEbp0xe3BRL0ZeDD/view. Acesso em: 16 de mar. 2022;

¹⁸ BÜLOW, Marisa von. **Os Impactos da Pandemia no Ativismo Digital**, Relatório de Pesquisa n° 02, in: Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia, Brasília, 17 de novembro de



O mundo digital foi um dos poucos que obteve crescimento na pandemia, contudo ao admitir a dependência dos dispositivos online e de aplicativos surge a preocupação com a privacidade e com os dados que estão sendo transmitidos e sujeitos a essas inovações tecnológicas.

A revolução digital não diz respeito somente ao avanço na tecnologia, mas sobre a implicação disso tudo na sociedade, de que modo os atores sociais recebem e expressam o ativismo digital, como se encaixa o contexto da pandemia e a desigualdade de acesso e uso dos mecanismos computacionais. Para tanto, é considerado ativismo digital as ações que promovem causas políticas controversas pelos meios digitais, que podem partir de discussões em fóruns até a complexidade do desenvolvimento de aplicativos, desde que sejam ações coletivas organizadas com conteúdo online¹⁹.

É importante destacar que o contexto regional tecnológico é muito importante e deve ser levado em consideração, pois não se pode comparar Norte e Sul Global. O Brasil, por ser parte do Sul Global sofre com as desigualdades de acesso as tecnologias digitais e também com a não aplicação de restrições rigorosas, porque elas influenciam diretamente na vida das pessoas que precisam continuar trabalhando e, portanto, se expõem a possíveis situações de contágio. Resta claro aqui que a pandemia vivenciada na realidade brasileira caracteriza uma catástrofe, pois além de ser atingida pelo fator doença ainda implica na situação dos serviços necessários terem seus servidores sobrecarregados.²⁰

Além dos fatores mencionados, no Brasil existe a polarização política, que mesmo anterior a pandemia, causa efeito durante, pois alguns atores sociais assumiram a posição que nega os riscos da Covid-19. O ativismo digital cumpre papel importante nesse desfecho, pois alimenta as campanhas contra a desinformação e salienta a importância das medidas de distanciamento social e do uso de máscara, por exemplo. Para melhor compreensão pode-se estabelecer quatro tendências das práticas aplicadas de ativismo digital nacional: apropriação, diversificação, adaptação e integração.²¹

Ao tratar de apropriação de recursos digitais se fala no acesso à internet, levando em consideração fatores como renda, idade, moradia (zona rural ou urbana) e educação.

2020, p. 02. Disponível em: <https://resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>. Acesso em: 02 abr. 2022.

¹⁹ *Ibidem*, p. 03.

²⁰ *Ibidem*, p. 04.

²¹ *Ibidem*, p. 05.



Em um país como o Brasil que a desigualdade social é considerada crônica a maior parte da população se aproxima do mundo online através do smartphone pelos serviços de rede wi-fi gratuitos, conseqüentemente influenciando na qualidade de conexão. Com a implementação do lockdown em março de 2020 as ruas ficaram vazias, afetando as possíveis atividades de manifestação coletiva, fazendo com que a sociedade se apropriasse das ferramentas digitais para possibilitar a manutenção do direito de protesto.²²

Sendo assim, a participação em canais digitais passou a ser a única forma das pessoas, principalmente os mais vulneráveis ao vírus, garantirem a continuidade da mobilização social. Esse fato impactou positivamente na procura, mas negativamente na exclusão digital, pois aumentou a dificuldade de contato com pessoas que não tinham condições de ter dispositivo de acesso, afetando inclusive pessoas com deficiência e pessoas que dependem de benefícios emergenciais concedidos pelo Governo através de aplicativos online.²³

Na tentativa de diminuir essa desigualdade algumas movimentações foram realizadas, organizações apoiaram causas para que o serviço de internet não fosse interrompido por falta de pagamento, para que dispositivos móveis fossem distribuídos para estudantes e para o melhoramento da conexão das regiões mais afastadas. Contudo, deve ser mencionado também a relevância do problema de letramento digital, que é relacionado diretamente com o nível de educação, afetando especialmente pobres, idosos e pessoas com deficiência. Porém foi identificado que apesar disso tudo a digitalização avançou, as pessoas mesmo com dificuldades conseguiram se adaptar em pouco tempo e se conectar e manifestar digitalmente.²⁴

Essa apropriação digital que os usuários demonstraram apesar das dificuldades se sobrepõem a outras tendências, pois a diversificação e a adaptação são maneiras como as ferramentas digitais são usadas para a ação coletiva. De certa forma, foi o modo que aqueles que já possuíam representação digital buscaram para se adaptar no novo cenário pandêmico. Um exemplo disso foram as reuniões remotas, que possibilitaram o encontro de pessoas de vários lugares e ainda a diminuição de gastos para isso. A agrura que essa

²² *Ibidem*, p. 06.

²³ *Ibidem*, p. 06.

²⁴ *Ibidem*, p. 08.



solução trouxe foi a própria banalização das reuniões causando exaustão pelo acúmulo de atividades online.²⁵

Fato é que apesar desse cansaço, o ativismo vive digitalmente, uma saída que movimentou bastante a conscientização sobre combate ao vírus e a desinformação foi o uso de lives e podcasts²⁶. Essas plataformas, entre outras também utilizadas, fomentam o direito de protesto e vão além dos cuidados com saúde, referenciam por muitas vezes a moradia, a educação, o feminismo e serviram inclusive para denunciar abusos sofridos por trabalhadores, pessoas desabrigadas, crianças e mulheres que sofreram violência.

Apesar de parecer que as diferenças entre ativismo online e off-line não existem mais pela análise das tendências acima, isso seria afirmar uma mentira, elas continuam existindo, mas se modificaram com o contexto da pandemia do Coronavírus. Pode se presumir que existe uma integração dessas categorias que é resultado do isolamento social, e no intuito de ajudar aos necessitados as ações tiveram concomitantemente que ser dentro e fora do universo digital. Como exemplo disso tem os voluntários que se candidataram através do Facebook para as ações e as doações que eram pedidas nas redes sociais e entregues nas comunidades.²⁷

Esse ativismo digital não é exclusivo do momento de pandemia, acontece no Brasil já há tempos, influência de momentos históricos como peneiração e marcha das vadias. Ocorre que a partir da senda atual, a colaboração digital se mostrou essencial para que as ações coletivas pudessem ter continuidade e efetividade.

As organizações, independente de terem que se adaptar digitalmente ou não, conseguiram integrar suas ações e se posicionar no auxílio de informação e conscientização sobre a Covid-19. Fizeram mais, pois através das ferramentas digitais mantiveram a interação e o direito de protesto o mais atuante que conseguiram. Sabe-se que é necessária uma luta que inclua mais os menos letrados digitalmente, mas é um futuro pós-pandêmico possível de se visualizar perante as realizações atuais e a criação de pontes entre o ativismo digital e presencial.

2.2 Como o ativismo digital foi aplicado no Brasil: o exemplo do net-ativismo indígena

²⁵ *Ibidem*, p. 09.

²⁶ *Ibidem*, p. 10.

²⁷ *Ibidem*, p. 10.



Ailton Krenak defende que a estruturação da humanidade moderna basilada na ideia de dominação e exploração insustentável da natureza, tem colocado em risco a pluralidade de culturas de comunidades tradicionais que compreendem a sua existência atrelada a sobrevivência da natureza (KRENAK, 2019).

Com base nisso, verifica-se que a pandemia de Covid-19 retomou o sentimento de humanidade e de fragilidade dos seres humanos e também dos esforços para a sobrevivência, assim como o fato de que todos estão no mesmo barco e que a manutenção da vida deveria ser sempre a lógica empregada. Desde o início da pandemia até outubro de 2020 a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) informa que 158 povos foram afetados pelo vírus, piorando a situação de risco iminente que os índios já sofrem em decorrência de garimpo ilegal e desmatamento²⁸.

O termo cosmofagia é utilizado para simbolizar um modelo que sobrepõem mais o estilo de vida que a própria vida, que ataca as cosmologias variadas que existem, não considerando a diversidade e a riqueza dos seus conhecimentos, e pior que no Brasil ainda é constatado o Estado servindo como instrumento para que esse movimento continue acontecendo. Para se opor a isso, grupos de ativistas se utilizam do ambiente virtual e das comunidades conectadas para exercer ativismo digital ²⁹(CARDOSO, DA SILVA, p. 183, 2021).

Existe diferença entre ciberativismo e net-ativismo, o primeiro está relacionado com o ativismo midiático, com a intenção de atingir escala global assuntos locais. Já o net-ativismo une o ativismo digital com o que existe de mais moderno, como Big-Data e dispositivos móveis, elevando o acesso das redes digitais às necessidades comuns. E o net-ativismo indígena, nada mais é do que a ligação dos movimentos ativistas indígenas com as formas de ativismo digital mais novas.

Cada vez mais o homem ocidental se desconecta de sua natureza e se apega ao contexto de religiões, guerras, conquistas e dominação simbólica que alimentam o egocentrismo. Deixando de lado o fato de que habita em um planeta formando por redes de organismos humanos e não humanos (conhecida como Gaia) que possuem diversidade de

²⁸ CARDOSO, Thiago Franco; DA SILVA, Marcelo Rodrigo. **Cosmofagia e net-ativismo brasileiro, durante a pandemia da covid-19.** In: Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación, n° 145, dezembro de 2020-março de 2021, p. 183. Ecuador. Disponível em:

<https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4346/3383>. Acesso em: 29 mar. 2022.

²⁹ *Ibidem*, p. 183.



etnias, vegetais, animais, vírus, bactérias e tecnologias, como encontramos na Pachamama³⁰.

Nos lugares onde o Estado conseguiu impor mais seu poder de colonização, são os mesmos que possuem mais a sensação de proteção, de imunidade e de bem-estar, e essa uniformização ocidental caracteriza a domesticação europeia das américas, principalmente nas ameríndias. É visível nas narrativas da internet que existem dois lados: Ameríndios manifestando seu reconhecimento e do outro o Estado e os poderosos. Um lado que vê sua história e territórios sendo destruídos e do outro quem dita as regras, a própria definição da cosmofagia³¹.

Essa movimentação cosmofágica acontece tanto quando há o extermínio violento de populações inteiras, como em atos sutis. Como exemplo disso é a disseminação de fake news, que propaga falsas informações atingindo grande número de pessoas e não tem cunho verídico. Na pandemia um exemplo foi a divulgação do uso da hidroxicloroquina, que além de não ter comprovação científica relevante pode atingir a saúde pública. O pior de tudo é que ainda pode existir uma razão financeira para essa desinformação, pois há quem lucre com essas notícias falsas³².

Perante tudo isso, os ameríndios brasileiros conseguem se proteger, dos perigos já existentes e dos novos, fazendo barricadas de controle de entrada e saída de pessoas. E mesmo que os dispositivos tecnológicos sejam considerados uma rede de captura, já existe a aproximação desses dispositivos pelas etnias³³.

Os ambientes virtuais abriram espaço para resistência e informação, principalmente. Índios e ONG's se uniram para que a tratativa com a doença nos territórios se desse de uma maneira mais organizada. Até rituais espirituais que eram presenciais foram transmitidos a distância, na tentativa de se afastar do contágio do vírus da Covid. Essa introdução nas tecnologias digitais nas aldeias já se vê faz um tempo, o que é recente é o uso para o compartilhamento de relatos e denúncias, vídeos e publicações que mostram crimes, e também a gravação de podcasts que falam sobre isso e sobre as formas de prevenção contra a Covid-19. Isso tudo colabora para a transformação comunicativa das tribos, estando associados ao uso da Internet e da conexão³⁴.

³⁰ *Ibidem*, p. 185.

³¹ *Ibidem*, p. 183.

³² *Ibidem*, p. 183.

³³ *Ibidem*, p. 187.

³⁴ *Ibidem*, p. 189.



Associado ao uso da internet, jovens indígenas colocam em prática um projeto que possui um perfil oficial que passa informações dos índios e para os índios, é o @midiaindiaoficial, que tem como meta ser porta voz da luta indígena através das redes sociais. Destacam acontecimentos e informações sobre a pandemia nas tribos, e também dados divulgados pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), que já existe há 31 anos e é atuante de produção de mídia nas causas aborígenes, apresenta conteúdo no Youtube, Facebook, Twitter e podcasts como o “Coiab Informa”³⁵

O avanço do Coronavírus é assunto tratado por muitos Estados brasileiros e envolve associações, federações e organizações preocupados também com a saúde dos índios. São 64 regiões de base da Coiab, que servem como referencial para outras ações e mobilizações. Entre elas o perfil @apiboficial (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) que reivindica a situação e os direitos das tribos e ajuda e reforça campanhas de outras organizações que visam o mesmo objetivo. E o perfil do projeto Visibilidade Indígena, que se denomina uma rede de etnomídia, que oferece conteúdos gratuitos focados em cinema indígena e também posta materiais sobre os cuidados na pandemia, notícias, projetos e o chamamento para ajuda financeira³⁶.

Destarte fica evidente o crescimento da representatividade online de conteúdos que valorizam os povos indígenas, principalmente na preocupação com o enfrentamento do Coronavírus. Os canais e postagens são resultado do entrelace da manifestação pelos direitos dos povos com a rede digital, gerando uma visibilidade online que oferece acesso a informação sem esquecer da ligação com a sua essência e história. Ademais, proporciona às comunidades indígenas um ambiente para se posicionar, não agindo como tutelado do Estado, mas como um comunicador que tem posicionamento político e legislativo, que pensa e vive permanentemente a relação com a natureza³⁷.

A partir disso, resta claro que esse engajamento vai além da conscientização sobre a pandemia, é o poder de fala dos índios através das mídias digitais, é o net-ativismo indígena. É a conexão dos povos ampliada, além das florestas e aldeias, é o contato e o pedido de socorro com o resto do mundo³⁸.

³⁵ *Ibidem*, p. 189.

³⁶ *Ibidem*, p. 191.

³⁷ *Ibidem*, p. 193.

³⁸ *Ibidem*, p. 194.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ativismo digital é um marco importante para a sociedade civil, principalmente para a manutenção do direito de protesto. Aproximar causas e pessoas através da internet foi um dos principais pontos de destaque que as mídias digitais têm além do viés informativo.

Conseguir “aproximar” ideais sem contato físico, sem reunir as pessoas e sem a ocupação do espaço parecia impossível se não fosse a revolução digital. O uso de lives, podcasts, Instagram, Facebook, Twitter, Youtube e plataformas para reunião trouxeram a realidade das pessoas para o dia a dia do distanciamento coletivo que é tão importante para a saúde. Poder manter viva a garantia de poder expressar suas reivindicações e suas lutas em plena pandemia de Covid-19 foi um fator que comprova que o ativismo digital é efetivo.

A preocupação com a saúde e bem-estar iniciou o processo de fazer a informação chegar até as pessoas que estavam isoladas, e se valer desse meio para contestar políticas públicas, para denunciar abusos e violências e para proporcionar ações de ajuda humanitária foi resultado de usuários que apesar de qualquer empecilho não abdicam do direito de se manifestar, de exteriorizar sua opinião e se aproximar daqueles que a compartilham.

O fim da pandemia de Covid-19, que mobilizou o mundo, está cada vez mais próximo, as restrições estão diminuindo conforme se aprende a lidar com o vírus, suas implicações e com a vacina, mas resta claro que o ativismo digital se fortaleceu desse momento. Essa forma de protesto funciona, se propaga rapidamente, atinge um número expressivo de pessoas e conecta todos os lugares que a internet alcança. E mesmo que existam as desigualdades, o acesso facilitado permite que a integração online e off-line seja mais uma possibilidade que esse ativismo trouxe.

REFERÊNCIAS

ATIVISMO digital cresce no Brasil e terá papel neste ano de eleições. **Carta Capital**. 17 de jan. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/change-org/ativismo-digital-cresce-no-brasil-e-tera-papel-neste-ano-de-eleicoes/>. Acesso em: 16 mar. 2022;

BÜLOW, Marisa von. **Os Impactos da Pandemia no Ativismo Digital**, Relatório de Pesquisa n° 02, in: Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia, Brasília, 17 de novembro de 2020. Disponível em: <https://resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>. Acesso em: 02 abr. 2022.



CARDOSO, Thiago Franco; DA SILVA, Marcelo Rodrigo. **Cosmofagia e net-ativismo brasileiro, durante a pandemia da covid-19**. In: Chasqui Revista Latinoamericana de Comunicación, n° 145, dezembro de 2020-março de 2021, p. 181-196. Ecuador. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4346/3383>. Acesso em: 29 mar. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Volume I. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 1999, 177 pgs. Disponível em: https://perguntasapo.files.wordpress.com/2011/02/castells_1999_parte1_cap1.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022;

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/16KTt6N7mhPR5UTIONSS4bTol94ys-8I5/view>. Acesso em: 15 mar. 2022;

CAVALCANTI, Davi B. JARDELINO, Fábio. Ativismo digital no Brasil contemporâneo. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, PR, v. 6, n. 7, p. 42556 - 42570, jul. 2020. ISSN 2525 - 8761. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/12520/10501>. Acesso em: 15 mar. 2022;

CRESCE o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br. **Cetic.br**. 18 de ago. 2021. Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/#:~:text=do%20Cetic.br-,Cresce%20o%20uso%20de%20Internet%20durante%20a%20pandemia%20e%20n%C3%BAmero,a%20pesquisa%20do%20Cetic.br&text=O%20Brasil%20tem%20152%20milh%C3%B5es,com%2010%20anos%20ou%20mais>. Acesso em: 14 mar. 2022;

ESPANHA - O movimento 15-M em 7 chaves, uma década depois. **Revista Instituto Humanitas Unisinos Online**. 13 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/609198-o-movimento-15-m-em-7-chaves-uma-decada-depois>. Acesso em: 16 mar. 2022;

GOHN, Maria da Glória. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1PLZn8YR66m_EJ210wEbp0xe3BRL0ZeDD/view. Acesso em: 16 de mar. 2022;

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras, 2019.

LEÃO, Débora. A Revolução de Jasmim e a criação de uma cultura digital na Tunísia. **Blog Relações Internacionais e Cultura Digital USP**. São Paulo, 26 de jun. 2013. Disponível em: <http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?p=116>. Acesso em: 14 mar. 2022;



LIMA, Gabriela Bezerra. Tipos de Ativismo Digital e Ativismo Preguiçoso no Mapa Cultural. **Revista Geminis**, ano 3, n. 1, p.71-96. Disponível em <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/99>. Acesso em: 14 mar. 2022;

NICHEL, Andressa. OLIVEIRA, Gislaine F. A experiência de construção da nova Constituição da Islândia: Perspectivas constitucionais contemporâneas que privilegiam a colaboração. **Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade**. UFSM, Santa Maria, 2015. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2015/3-2.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022;

PASCUAL, Manuel G. A silenciosa tomada de poder do ativismo digital. **Caderno de Tecnologia do Jornal El País**. Madri, Espanha, 08 de dez. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/08/tecnologia/1512753235_185478.html. Acesso em: 14 mar. 2022;

SANTOS, Eduardo H. (2014). Crise de representação política no Brasil e os protestos de junho de 2013. **Liinc Em Revista**, 10(1). Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3550/3047>. Acesso em: 16 mar. 2022;

SAUVIAT, Catherine. Occupy Wall Street, um movimento social inédito nos Estados Unidos. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 11, p. 145-159, jul.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/192/178>. Acesso em: 16 mar. 2022;

SCHERER-WARREN, Ilse. Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no século XXI. **Política & Sociedade**, Vol. 13, n. 28 - set/dez 2014, p.13-34. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7984.2014v13n28p13>. Acesso em: 15 mar. 2022;

SORJ, Bernardo; FAUSTO Sergio. **Ativismo político em tempos de internet**. São Paulo: Plataforma Democrática, 2016. Disponível em: http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Ativismo_pol%C3%ADtico_em_tempos_d_e_internet.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022;

VASCONCELOS FILHO, José M. COUTINHO, Sérgio. **O ativismo digital brasileiro**. Coleção O que Saber? Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/10/Ativismo-digital-WEB-1.pdf>. Acesso em: 14 e 15 mar. 2022;

VIEIRA, Vivian P. P. O papel da comunicação digital na Primavera Árabe: Apropriação e Mobilização Social. **Anais do V Congresso de Compolítica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**. Curitiba, PR, p. 1-22. Disponível em: http://compolitica.org/novo/anais/2013_GT05-VivianPatriciaPeronVieira.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022;

WAIBERG, Jacques A. O ativismo das estrelas e a comunicação dissidente. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 15, n. 29, p. 1 - 21, 2016. Disponível em:



https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9847/2/O_ativismo_das_estrelas_e_a_comunicacao_dissidente.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022;